

LAURA HAANPÄÄ



Tome nota!

A 4ª edição do Grant's True Tales começa hoje, no cinema São Jorge, em Lisboa, e prolonga-se até sábado à noite. O anfitrião será Joaquim de Almeida, ao qual se junta um grupo de *storytellers* de diferentes áreas. Mais informações no site www.grantstruetales.pt.

• **Hoje:** Camané; Carminho; César Mourão; Kalaf; Ljubomir Stanisic; Sílvia Alberto. João Manzarra e Salvador Martinha apresentam "Amigos, amigos, mentiras à parte";

• **Amanhã:** António Zambujo e Miguel Araújo – "Logo eu, que nem sou de intrigas..." - Concerto com Histórias;

• **Sábado:** Nuno Markl; Richie Campbell; Rúben Alves; Valter Hugo Mãe. Fernando Alvim apresenta "#IOU – Devo-te uma".

Quando lhe lançaram o desafio de ir contar histórias ao festival Grant's True Tales soube logo o que lhe apetecia relatar no palco?

Não, fiquei na dúvida. Já contei muitas histórias, aliás, tenho filhos, por isso sou um ótimo contador de histórias. Foi um desafio em que tive de pensar um pouco, porque são, realmente, muitas histórias. Nasci numa guerra, fugi dela, vivi nela, safei-me na vida, passei fome...

E qual foi a decisão que tomou? Que história contar?

A minha história de simplicidade. Estar no lugar em que estou hoje, ter três restaurantes, quatro empresas, 80 empregados, quatro milhões por ano... vem do nada! Quero contar isso às pessoas: acho que é uma "True Tale", que pode tocar nas pessoas. Nenhum de nós é alguém, nenhum de nós é importante. Nós somos seres humanos e a força de vontade é uma das histórias mais ricas do mundo.

O Ljubomir chegou cá em 1997...

E muitas histórias passam-se em Portugal. Já tive dois filhos, uma falência, um acidente que me deixou em coma... diariamente tenho uma história (ri-se).

A experiência de televisão também ajuda neste papel de comunicador?

Isso é algo que eu sempre tive. Não nasci com vergonha.

LJUBOMIR STANISIC

É dos mais famosos cozinheiros do País, mas este rebelde, que ainda se considera jugoslavo, não se vê como "rockstar". Vai contar histórias no Grant's True Tales e fomos ouvir algumas ao seu restaurante, o 100 Maneiras, numa conversa com "pis".

“ATURAR MINISTROS? TRATO TODOS POR TU!”

Mas não deixa de ser uma tarefa diferente daquela que tem no seu dia a dia enquanto cozinheiro e gestor das suas empresas.

Tenho o meu palco todos os dias: os restaurantes. Tenho que enfrentar clientes, aturar os ministros, políticos, senhores doutores... trato todos por tu, tenho esse à-vontade. Não tenho o mínimo receio de palco, de câmaras de TV... estou-me a cagar, para ser sincero. Há pessoas que se incomodam com as lentes. Uma vez que enfrentas isto [apontando-nos uma caçadeira imaginária à cara] torna-se tudo normal.

É daí que vem o seu "à-vontade"?

Não sei, mas vem da coragem, da vontade de libertação. Quando se ultrapassa isso, ultrapassa-se tudo.

Já tem tudo planeado para o momento de subir ao palco?

Não tenho nada. Só falei disto duas vezes com a minha mulher. Quero

contar a minha história real. Agora está esta merda toda na moda: com o sucesso são todos *rockstars* e essa cena a mim dá-me diarreia! Somos cozinheiros, não somos *chefs*... sou uma pessoa simples e é isso que quero contar. Não vou fazer sublinhados, nem usar papéis.

Tudo de improviso. A sua vida de cozinheiro também é assim?

Totalmente. A minha cozinha é espontânea, fruto de livros, viagens, de comer. Todos os anos vou aprender coisas novas, estagiar. Há quem diga: "Nasci com a cena dentro de mim" [levanta o dedo do meio]. "Aos sete anos já fazia pastéis para a família!" Estás a brincar comigo: o meu puto tem sete anos e ainda se mijava na cama! Nem aos 17 eu sabia o que queria... sei lá, vender drogas ou matar pessoas (ri-se).

E de onde vem a cozinha na sua vida?
Da necessidade de sobrevivência.

Sim, mas podia ter aprendido a cozer batatas ou a fazer ovos estrelados... tornou-se num cozinheiro de topo.

Podia ter-me dado para ser carpinteiro. A vida calhou-me assim. Podia ter ido assentar tijolos, como gajo de leste, mas não está no meu carácter. Comecei a sustentar a família aos 15 anos em Belgrado, numa padaria. Depois passei para um restaurante como ajudante. Foi aí que ganhei o gosto e acabou por tornar-se num caminho natural.

E chegou a estudar na faculdade: engenharia química e alimentar...

Mas não estudei muito! Acabei por comprar o diploma na Sérvia! Tive umas 30 aulas, no máximo, enganei todos os professores. Comprei o diploma ao diretor porque o país era muito corrupto na altura da guerra.

Acabou por estudar depois, nas suas viagens. Viajou muito, mas acabou por escolher Portugal. Porquê?

Por várias razões e não tem nada a ver com comidas, sol e praias. É, sobretudo, por causa do povo, que é do caraças. Fui recebido como um não-emigrante, como se estivesse em casa. Ninguém olha para mim como emigrante, mas como um ser. Ainda fui para Espanha, para França, mas havia muito racismo. Era sempre o gajo de Leste que tinha de ir assentar tijolos, mesmo sem nunca o ter feito. BRUNO MARTINS